

Os bandidos entre os romanos: leituras eruditas e percepções populares

Renata Senna Garraffoni*

Resumo: Discutiremos, neste artigo, dois temas relacionados. Em primeiro lugar, procuraremos explorar como a elite romana representava os bandidos antigos na literatura satírica, tomando como exemplo passagens das *Metamorfoses* de Apuleio. Em segundo lugar, procuraremos focar a Epigrafia (placas metálicas dedicadas à deusa Sulis Minerva que foram encontradas em Bath, Inglaterra) para discutir as imagens do roubo na cultura popular. A evidência epigráfica é fundamental para o estudo das percepções acerca do banditismo e, também, ajuda a proporcionar interpretações mais plurais da cultura e do passado romano.

Palavras-chave: Bandidos, Cultura Popular, Literatura Romana

Introdução

Marcela Cubillos Poblete¹, em um artigo recentemente publicado sobre a questão da culinária na obra de Juvenal, apresenta uma interessante análise sobre os modelos interpretativos do mundo greco-romano. Segundo Cubillos Poblete, atualmente a História romana não se encontra mais centrada no aspecto político, mas pode ser contada a partir de uma infinidade de ângulos: o econômico, o religioso, o mental, o artístico, entre muito outros.

A autora também apresenta, de forma sucinta, as contribuições da escola dos Annales e da História Social na democratização do estudo do passado clássico. Foi a partir dos esforços teórico-metodológicos dos Annales, na busca de novos objetos de estudo e pluralização da noção de fontes, e dos questionamentos de intelectuais marxistas que se enveredaram pela difícil tarefa de apresentar uma “história vista de baixo” que as camadas populares entraram em cena. Assim, os marginalizados, como os escravos pobres, bandidos, gladiadores, prostitutas, enfim, pessoas que, até então, tinham sido excluídas da historiografia clássica ou amontoadas sob o rótulo de povo passaram a compartilhar a atmosfera dos grandes personagens e, mais do que isso, a serem sujeitos de sua História.

Se, por um lado, a escola dos Annales e a História Social desempenharam um papel importante neste processo, descentrando as grandes figuras políticas ou líderes

militares, por outro o diálogo com a Arqueologia foi fundamental para o deslocamento de abordagens tradicionais, inspiradas somente nas fontes literárias. Como nos lembra Funari,² a Arqueologia, entendida como disciplina autônoma, desvinculada da tarefa de comprovar textos, torna-se um instrumento singular para proporcionar outras abordagens do cotidiano das elites e das camadas populares romanas.

Neste sentido, a presente reflexão visa uma análise da cultura popular romana, durante o Principado, a partir de uma temática que abrange as relações com o banditismo expressas em uma fonte literária, as *Metamorfoses* de Apuleio e na cultura material, isto é, as placas votivas encontradas em Bath, na *Britannia*. A partir da contraposição destes documentos buscamos repensar meios para abordar a questão do roubo, as práticas cotidianas dos ladrões e suas vítimas. Tal proposta visa, portanto, rever alguns modelos interpretativos que impulsionaram as pesquisas sobre o tema, na tentativa de propor outros caminhos para pensar essas tensões sociais que atravessaram o cotidiano romano. Assim, inspirada por Horsfall,³ procuraremos repensar a idéia do senso comum do gosto popular pela violência, criando alternativas que expressem as formas de relações sociais entre as camadas populares que, muitas vezes, são criativas e surpreendentes.

Os bandidos na Historiografia Clássica

Estudar o banditismo entre as camadas populares durante o início do principado romano é um grande desafio, pois há poucos historiadores dispostos a percorrer os submundos da Antigüidade. Os que se aventuraram por esses caminhos, na grande maioria das vezes, mencionaram o assunto *en passant*, citando apenas um ou outro furto ocorrido em banhos públicos, descrevendo as condenações e punições nas arenas romanas ou, como nos lembra Gozalbes Cravioto,⁴ definindo uma continuidade histórica em que italianos ou espanhóis modernos seriam herdeiros diretos de famosos bandidos da Antigüidade, como o lusitano Viriato.

Essa situação é muito comum em trabalhos mais antigos, do final do século XIX e início do XX: como a maioria dos estudos era de caráter geral, os historiadores apresentavam algumas informações sobre o tema, sem muitos detalhes. Isso ocorria porque grande parte das pesquisas tinha como objetivo organizar grandes panoramas da História de Roma. Nesse sentido, geralmente as narrativas se iniciavam na fundação de Roma e se estendiam até o declínio do Império; séculos de História eram descritos como

se houvesse um padrão, uma espécie de evolução que teria como princípio a própria fundação da cidade e o auge da civilização seria atingido com o Império.⁵

Somente a partir da idéia da “História vista de baixo” dos anos de 1960 é que notamos algumas mudanças neste quadro. Neste período, surgiram muitos trabalhos que enfocavam as camadas populares e, devido à dificuldade de encontrar relatos sobre o cotidiano desses romanos, surgiram trabalhos variados que recorriam aos mais diferentes tipos de fontes, como a literatura, os grafites e pinturas parietais, lamparinas, lápides funerárias e a própria legislação.

No caso específico do banditismo, a diversidade de fontes foi imprescindível para uma aproximação do mundo dos *latrones*. No entanto, é importante ressaltar que a literatura satírica desempenhou um papel fundamental, pois constituiu a base principal dos argumentos dos historiadores que estudaram o assunto, destacando, especialmente, as *Metamorfoses* de Apuleio.

Entre os trabalhos a que pudemos ter acesso, na ocasião da realização de nossa pesquisa de mestrado,⁶ percebemos que a grande maioria dos historiadores buscava organizar suas reflexões a partir de uma pergunta muito objetiva: *o que era ser bandido na Antigüidade?* Essa perspectiva se desenvolve em uma base da argumentação marxista, ligada à História Social. Assim, muitos desses trabalhos, apesar de suas especificidades, possuem pontos em comum, pois são estudos sobre a marginalidade nos quais tentam desvendar a ideologia presente na documentação, buscando compreender o fenômeno em sua objetividade.

O estudo de Anton J.L. van Hooff⁷ ilustra bem esta postura e seria um ponto de partida interessante nesta discussão. O próprio título de seu trabalho já indica o que será encontrado pela frente: a expressão “reflexão por trás dos fatos” é um indício de que o caminho a ser seguido pelo historiador é o de desvendar aquilo que está oculto entre os fatos documentados sobre o mundo romano. Esta postura permite a Hooff, logo no início do artigo, afirmar que o fato a ser estudado é a presença de bandidos em diversas obras literárias, pois acredita que, se muitos escritores latinos se preocuparam com o tema, é porque ele tinha uma função social. Assim, utilizando um amplo repertório de romances ou cartas gregas, latinas, árabes e até egípcias, inscrições e grafites, Hooff procura traçar um perfil daquilo que seria o *bandido romano* e seu papel social.

As primeiras linhas do artigo indicam o caráter geral da abordagem e a sua postura metodológica. Esta consiste em utilizar a literatura como principal fonte de um

esforço de separar a *realidade* da *ficção*.⁸ Esta afirmação é significativa na medida em que expressa sua postura enquanto historiador e fornece ao leitor o recorte que faz do tema; deixa claro que pretende discutir a questão do bandido rural. Mas por que o bandido rural? Esta escolha não é aleatória, ela foi feita porque a base de seu argumento está relacionada aos pressupostos estabelecidos por Eric Hobsbawm em sua obra *Bandidos*.⁹

Hooff acredita que este estudo de Hobsbawm é um marco, somente depois dele os historiadores descobriram os bandidos como sujeitos históricos. Neste sentido, o artigo estabelece um diálogo com esta obra e, por isso, seria interessante retomar alguns de seus aspectos, de forma bem resumida, para compreender melhor como Hooff organiza seus argumentos.

Ao escrever *Bandidos*, na década de 1960, Hobsbawm elegeu, para sua pesquisa, um tipo especial de transgressor, o qual denominou *bandido social*. Esse bandido seria o ladrão que vivia em locais de difícil acesso, como montanhas, pântanos ou florestas, sem ser considerado, pela opinião pública em geral, como criminoso. Por meio de estudo de representações literárias na China, Peru, Sicília, Ucrânia, Indonésia, Brasil, entre outros lugares, Hobsbawm traçou o perfil deste fenômeno e o considerou como sendo universal, ocorrendo quando “... as sociedades se baseiam na agricultura (inclusive as economias pastoris), e mobilizam principalmente camponeses e trabalhadores sem terras, governados, oprimidos e explorados – por senhores, burgos, governos, advogados, ou até mesmo bancos”.¹⁰

De acordo com as análises realizadas a partir dessas diferentes obras, Hobsbawm concluiu que a maioria dos bandidos sociais eram reformadores, pois tentavam manter a exploração dos senhores dentro de um determinado limite. No entanto, passariam a serem revolucionários em duas situações: quando se transformavam em símbolo de resistência ou quando tentavam realizar o sonho de viver em um mundo mais justo, estabelecendo, assim, um tipo primitivo de luta antes da organização de classes do período industrial. Nesse sentido, a base de seu argumento é a condição de rebelde primitivo inerente ao bandido social, em outras palavras, é uma organização de protesto pré-político e camponesa que se extinguiria com a industrialização.

Ciente das críticas que este trabalho de Hobsbawm recebeu desde a sua publicação, principalmente no que diz respeito à condição de rebelde primitivo inerente ao bandido, Hooff, ao estudar o banditismo na época do império romano, suaviza estas afirmações: embora os bandidos não sejam considerados como camponeses resistindo

aos opressores, o historiador ainda mantém o caráter efêmero de sua situação. Em sua opinião, os bandidos poderiam ser interpretados como símbolo de catástrofe ou de mudança no rumo da sorte da sociedade, isto é, expressariam o momento de transformação do barbarismo para a civilização.

Assim, de acordo com sua interpretação, o ladrão desse período seria um representante da desordem, aquele que sempre traz o caos. Em quase todo o artigo o bandido é descrito como um bárbaro, um sujeito no limite do comportamento humano. Controlar tal comportamento seria obrigação do Estado romano e significava uma intenção de mudança para um mundo mais civilizado.

A partir dessas considerações percebe-se que, na tentativa de definir o que é ser bandido e sua função na sociedade, Hooff separa na literatura as características que acredita serem mais próximas de sua concepção de bandido e elabora uma espécie de perfil do bandido *tal como ele realmente era*. Em outras palavras, retira das fontes tudo aquilo que poderia expressar o perfil de um bandido durante a época do Império e acredita que tal procedimento o faria encontrar o verdadeiro bandido. A documentação seria, portanto, um reflexo do real e caberia ao historiador a tarefa de separar verdade e ficção para produzir um retrato fiel do período estudado.

Essa preocupação com o real também se encontra presente no trabalho de outras duas historiadoras. Carmen Blánquez Pérez e Maria J. Hidalgo de la Vega estudaram a questão do banditismo nas *Metamorfoses* de Apuleio, sendo que a primeira fez um estudo minucioso sobre a criminalidade nesta obra e a segunda apresentou um trabalho mais geral voltado ao pensamento e as concepções de Apuleio como um todo.

Em diferentes trabalhos, Blánquez Pérez¹¹ realizou um estudo exaustivo de todos os tipos de crimes citados no romance, expressando sua metodologia de trabalho. É interessante notar que a autora parte de um tema pouco estudado na historiografia da Antigüidade Clássica, a criminalidade, mas inicia a análise com um pressuposto de que havia uma crise no final do século II d.C. Neste sentido, seu trabalho consiste em comprovar esta hipótese por meio do estudo dos trechos das *Metamorfoses*, considerada pela historiadora como a mais completa fonte sobre o assunto. Em sua concepção, a obra é analisada, portanto, como portadora de uma realidade que poderia ser considerada um reflexo direto da sociedade romana do período. Assim, como seu olhar está direcionado pela busca das causas deste fenômeno, a historiadora, apoiada em classicistas como Mommsen, Rostovtzeff e Garnsey, analisa as *Metamorfoses*

enfocando seu aspecto social e cria uma interpretação que transforma a obra literária em um reflexo da sociedade daquele momento.

Este tipo de abordagem marxista, no qual há uma ênfase na busca pelo real, é questionado por Patrick Joyce no artigo “The end of Social History?”,¹² pois expressa o que autor denomina “ambiçãõ de escrever uma história total”. Esta perspectiva de análise se preocupa com o entendimento da totalidade social e, para tanto, interpreta as fontes como um reflexo da realidade, utilizando categorias essencializadas. No caso de Blánquez Pérez, esta forma de pensamento é perceptível: a autora descreve categorias idealizadas (os pobres, os bandidos, por exemplo) e interpreta a fonte buscando elementos que reflitam o real e expliquem a causa da crise do final do século II d.C. O resultado deste processo é uma narrativa contínua na qual a presença de personagens pobres, oprimidos, explorados e violentados no romance refletiria e comprovaria a crise do momento.

Apesar disso, Blánquez Pérez afirma, em suas conclusões, que resta ainda uma esperança, pois se Apuleio termina o romance mostrando uma possibilidade de transformação, isso indicaria uma abertura para o novo. Pensando de maneira mais ampla, seu trabalho procura uma explicação para o início da transformação do modo de produção antigo para o medieval.

Assim como Blánquez Pérez, Hidalgo de la Veja¹³, ao escrever sobre a vida e obra de Apuleio, também apresenta, na base de seu argumento, uma grande preocupação em explicar o “real”. Este trabalho, publicado em meados da década de 1980, discute a produção literária de Apuleio considerando a sua historicidade, pois acredita que analisando suas obras conseguirá separar “o que se diz” da realidade do que “realmente é”.

Em sua obra, Hidalgo de la Vega afirma existir uma realidade objetiva e que cabe a ela, como historiadora, descobrir e retirar essa realidade dos textos de Apuleio. Desta forma, pretende analisar as fontes considerando dois aspectos que seriam fundamentais: as noções que são visíveis sobre magia, religião, mistérios, filosofia, organização social, política, econômica e jurídica presentes nas obras literárias e o funcionamento do nível ideológico, já que considera este como sendo uma reprodução de contradições objetivas que se dão ao nível socioeconômico. Seu principal objetivo consistiria, portanto, em interpretar o nível ideológico para perceber a reprodução da realidade em que Apuleio viveu.

Para analisar como a sociedade se estruturava e como isso era reproduzido nas obras literárias, Hidalgo de la Vega divide seu trabalho em oito capítulos nos quais estuda alguns aspectos urbanos e rurais da sociedade romana, a vida dos escravos e libertos, as tensões sociais (presença dos ladrões), a magia, religião e o papel do culto à deusa Ísis. Apesar de pesquisar toda a produção de Apuleio, Hidalgo de la Vega acredita que sua obra mais completa é *Metamorfoses*, pois as diferentes narrações e os mitos possuem articulações em diversos níveis formando um todo unitário. Além disso, as conotações ideológicas sobre a sociedade, magia e religião são contraditórias e, por isso, seria necessário um maior esforço para perceber como a realidade é reproduzida.

A presença dessas estruturas contraditórias, organizadas de forma inconsciente no texto apuleiano expressaria, de acordo com Hidalgo de la Vega, as posturas de seu grupo social com relação às condições reais de existência na sociedade. Embora o aparato analítico seja o mesmo utilizado por Blázquez Pérez, ou seja, o compromisso com o real, a literatura como principal fonte e a ligação direta com a sociedade, Hidalgo de la Vega introduz um novo elemento, a *ideologia*. Neste sentido, a ponte que estabelece entre as obras de Apuleio e o que “realmente” ocorria é elaborada de outra maneira: essas obras expressariam a visão da classe de Apuleio, isto é, a elite, sobre o real e por isso é preciso estar atento para algumas contradições que possam surgir.

Por último, caberia ainda comentar o artigo “El bandido”, de Brent Shaw,¹⁴ pois o autor problematiza a questão da ideologia, enunciada por Hidalgo de la Vega. Assim, ao estudar os bandidos em diferentes obras literárias, Shaw afirma estar ciente das dificuldades do objeto de pesquisa, pois não há documentos escritos pelos próprios bandidos e o que sobrou são relatos da elite expressos por meio da literatura ou das leis.

Mesmo diante dessas dificuldades, Shaw utiliza a literatura como a principal fonte para desenvolver seu argumento e consegue encontrar três tipos de bandidos diferentes. O primeiro, descrito por Apuleio, seria um tipo de bandido que ainda estaria presente na mentalidade moderna, ou seja, o líder forte de um grupo de fora-da-lei. O segundo tipo seriam os piratas, descritos principalmente por Plutarco, e os saques cometidos durante a Guerra Civil. A diferença com o grupo anterior residiria, segundo Shaw, no fato de que os saques eram atividades ilícitas que envolviam o Estado. O terceiro e último tipo seriam os bandidos presentes nos relatos de Amiano Marcelino escritos por volta de 350-360 d.C. Aqui o fenômeno do banditismo não é descrito de

forma individual, mas coletiva, ou seja, regiões inteiras foram consideradas como transgressoras pelo Estado.

A partir desse breve resumo dos tipos de bandidos apontados por Shaw podemos perceber a presença de fontes de períodos diversos, pois é uma tentativa de mostrar como o banditismo e a violência estiveram presentes durante toda a época do Império. Diante dessas possibilidades o autor questiona, afinal, quem ou o que é um bandido?

Ao responder essa questão o historiador afirma que o banditismo era uma forma individual e não institucionalizada de poder: seria um dever do Estado controlar as atividades dos bandidos. Com esta postura, Shaw elabora um argumento no qual analisar as ações dos bandidos seria uma forma de identificar as diferentes atuações do Estado na sociedade. Assim, baseado principalmente em Cícero, propõe que o bandido estabeleceria uma forma pessoal de poder enquanto o Estado representaria a moral dominante. Banditismo não seria, portanto, somente um aspecto da personalidade, mas também um espaço onde uma forma particular de poder pessoal poderia existir.

Este espaço seria um local fora do controle do Estado, caracterizado, principalmente, pelo difícil acesso; por exemplo, regiões montanhosas, pantanosas bosques densos, e os envolvidos, mesmo que vivessem em grupos, possuíam autonomia e não formavam um estado paralelo.

A grande maioria das informações apresentadas por Shaw foi retirada da literatura. Apesar de citar uma diversidade de fontes, que incluem obras de Plutarco e Cícero entre outras, sua ênfase recai nos relatos de Apuleio. O historiador afirma que Apuleio, ao compor as *Metamorfoses*, possuía preocupações filosóficas específicas, mas acabou produzindo uma obra realista. Assim, acredita que, por meio de uma análise cuidadosa, procurando perceber a realidade distorcida pela literatura, é possível chegar a dados objetivos sobre a vida e organização dos grupos de ladrões. Nesse sentido, sua interpretação funda-se no argumento de que a literatura é uma mistura de realidade e ficção reforçando uma ideologia dominante: o bandido poderia ser utilizado como um símbolo de poder ilegítimo em oposição ao Imperador, que deveria agir como um bom governante.

No artigo de Shaw fica evidente que a ênfase de sua análise está nas relações de poder. Ao afirmar que o bandido possui uma forma específica de poder e de atuação, o autor o apresenta com suas particularidades e, mesmo utilizando obras escritas pela elite, procura destacar a diversidade e alteridade presentes entre os diversos grupos de transgressores. Embora a base do argumento de Shaw seja uma tentativa de desmascarar

a ideologia para chegar à figura real do bandido antigo, seu artigo apresenta uma ruptura que permite pensar o transgressor como indivíduo atuante na sociedade. Assim, diferentemente das perspectivas de Blázquez Pérez e Hidalgo de la Vega, que viam nos bandidos expressão de crise, barbarismo e opressão, Shaw propõe uma interpretação na qual os marginalizados agem de acordo com seus interesses, possuem amigos que recebem e repassam as mercadorias roubadas e, mesmo vivendo em grupos clandestinos, nunca são isolados, chegando, inclusive, a prestar serviços para cidadãos romanos influentes em troca de proteção.

Os trabalhos comentados até agora possuem suas particularidades, mas foram reunidos aqui por apresentarem algumas características em comum: todos os historiadores utilizam diferentes tipos de fontes para estudar a criminalidade, assunto, até então, pouco discutido, e constroem modelos coesos, bem estruturados, capazes de explicar longos períodos da História romana. No entanto, é possível perceber por suas interpretações que nenhum deles se preocupa com especificidade. Os modelos empregados, embora apresentem sutis diferenças, prezam pela universalidade; são capazes de fornecer uma interpretação das estruturas sociais, mas não consideram o aspecto discursivo das fontes que utilizam. É sobre essa questão que gostaria de discutir nas próximas páginas.

Bandidos romanos nas fontes literárias

Embora os autores mencionados trabalhem diferentes fontes literárias ao tratar do banditismo, *Metamorfoses* de Apuleio é, sem dúvida, a obra mais citada. Isso ocorre porque Apuleio, ao escrever seu romance em meados do século II d.C., narra detalhes da vida de um grupo de bandidos. Além disso, a ênfase na violência, na vida em grupo, na atuação fora dos limites das cidades e os esconderijos nas montanhas acabaram por reforçar idéias preconcebidas de como seria o cotidiano desses transgressores.

Ao analisar os estudos acima, percebe-se que estes estudos tomam as palavras de Apuleio como sendo a mais próxima da realidade do momento e pouco comentam sobre o fato de a obra ser satírica, o que implica exageros para causar o riso e juízos de valores do autor. Neste sentido, alguns aspectos da obra, considerados mais “reais”, são destacados, enquanto alguns detalhes da obra, que apontam para a sátira do autor, são deixados de lado.

Se pensarmos por esse prisma, percebemos que os autores mencionados têm em mente que o bandido “real” seria aquele que usaria da força física para concretizar seus roubos. No entanto, em uma análise dos termos empregados por Apuleio para se referir a esses bandidos percebemos um universo mais complexo. Assim, nossa reflexão segue uma estratégia distinta da apresentada até então: ao invés de procurar definir os tipos de bandidos, procuraremos destacar as sutilezas nas construções discursivas desse romano e pensar o roubo a partir de uma outra perspectiva.

Ao ler as páginas escritas por Apuleio é possível perceber que o autor usa uma série de termos para se referir aos bandidos que, na grande maioria, são de origem militar.¹⁵ Mas, sem dúvida, o termo que mais aparece nas obras é *latro*, *-onis*. Essa palavra, que deu origem ao termo “ladrão” em português, aparece em uma série de situações e pode assumir diferentes significados: às vezes é empregada com intuito de ofender alguém,¹⁶ mas o sentido mais comum é para designar bandido. Sua origem etimológica está ligada a um sentido militar: seu significado mais antigo está relacionado ao soldado mercenário grego, infante ou desertor e, por consequência, passou a designar bandido, salteador, ladrão de estrada. Sua forma se refere ainda a *praedo* e a terminação *-o*, *-onis*, de origem popular, traz um sentido pejorativo.

Considerando os diferentes significados que a palavra *latro* pode assumir nas duas obras, para esta reflexão seria interessante restringir aos que estão relacionados ao seu sentido primeiro, isto é, o bandido *stricto sensu*. Além disso, caberia ressaltar ainda que, mesmo dentro desse sentido, o termo não se refere a um tipo específico de ladrão: pode remeter aos que roubam à mão armada, chegando a matar sem piedade, como aos pequenos assaltantes que não utilizam a violência para cometer seus furtos, mas têm como arma a astúcia; misturam-se, facilmente, à população e roubam pequenos objetos nos banhos públicos.¹⁷ Esta situação é particularmente interessante, pois permite um contraponto com as placas votivas encontradas em Bath, na atual Inglaterra, e, por isso, a exploraremos com mais detalhes nas próximas páginas.

Nos estudos sobre banditismo que comentamos, a ênfase do argumento está nos roubos cometidos por assaltantes que empregam força, mas não se menciona o furto, roubo que necessita mais astúcia que violência para ser realizado. Tal modalidade de roubo aparece em diferentes passagens de Apuleio, embora não tenha sido empregada nas análises citadas. Um trecho em particular seria interessante de ser lembrado: uma cena em que os bandidos contam seus crimes e, ao mesmo tempo, indica a sutileza com que as situações são elaboradas ao longo do romance.

Tunc inter eos unus, qui robore ceteros antistabat, “nos quidem” inquit “Milonis Hypatini domum fortiter expugnavimus. Praeter tantam fortunae copiam, quam nostra virtute nacti sumus, et incolumi numero castra nostra petivimus et, si quid ad rem facit, octo pedibus auctiores remeavimus. At vos, qui Beotias urbes appetistis, ipso duce vestro fortissimo Lamacho deminuti debilem numerum reduxistis, cuius salutem merito sarcinis istis quas advexistis omnibus antetulerim. Sed illum quidem utcumque nimia virtus sua permit, inter inclutos reges ac duces proeliorum tanti viri memoria celebrabitur. Enim vos bonae frugi latrones inter furta parva atque servilia timidule per balneas et aniles cellulas reptantes scrutariam facitis”. (Metamorfoses, IV, 8).¹⁸

Então, um que superava os outros em força disse: Nós finalmente tomamos de assalto a casa de Milão de Hypata. Além da grande fortuna que conseguimos com nossa coragem, voltamos ao nosso acampamento intactos e aumentamos as nossas forças em oito pés. Mas vós, que atacastes a cidade da Beócia, voltastes fracos em número e perdestes o vosso grande Lamaco, cuja saúde eu consideraria, justamente mais do que todos estes fardos que trouxestes. Mas no caso dele, no entanto, foi sua grande coragem que o destruiu, sua grande memória de herói será celebrada entre famosos reis e generais de guerra. Mas vós, bons ladrões, com seus pequenos roubos e tímida servidão somente rastejais em banhos públicos e apartamentos de velhas em busca de ninharias.

Nessa passagem, Apuleio constrói um discurso em que o bandido valoriza seus feitos, sua coragem e inteligência, já que voltaram ao acampamento com mais riquezas e com novos aliados. Para tanto, emprega, além dos termos *castra, orum* ou *sarcina, ae* de origem militar e significam, respectivamente, acampamento em oposição à *urbs* e bagagem ou pacote bem costurado, palavras como *uirtus, tis* para se referir a sua bravura e sucesso. Ao mesmo tempo que enfatiza suas conquistas, critica as falhas de seus companheiros, menosprezando-os por terem perdido um grande homem como Lamaco.

Na última linha de sua fala, o bandido compara os amigos fracassados a miseráveis que roubam banhos públicos ou apartamentos de velhas, argumentando que a falta de coragem e ousadia os impediram de ser grandes homens como o falecido Lamaco. Os próprios termos presentes na oração aumentam a humilhação, pois são empregados com um sentido pejorativo: *furta (furtum, i)* é derivado de *fur, furis* (ladrão), podendo ser traduzido como “roubo com astúcia, com manha secreta”, é empregado aqui com sentido de pequeno furto e *scrutarius, a, um*, traduzido como ninharia, também pode significar lixo ou objetos sem valor, de segunda mão.

Esse exemplo foi selecionado porque mostra uma situação na qual o personagem, ao criticar os companheiros, acaba mencionando uma outra forma de roubo. A partir dele é possível pensar que Apuleio conhecia essa outra maneira de roubar e a emprega para causar o riso e diferenciar situações que envolvem esse tipo de crime. É bem verdade que em seu romance há um predomínio dos roubos com armas,

mas, ao lembrar dos realizados em banhos públicos, Apuleio indica a possibilidade para que pensemos sobre essa diversidade.

A partir desse exemplo, é possível afirmar que o autor desse romance e membro da elite dominante escreveu sua obra de maneira múltipla, usando não só termos com diferentes significados para designar os ladrões em cada ocasião, como também elaborou diversas estratégias e planos para que os roubos se concretizassem nas narrativas. Assim, entre sátiras, exageros e omissões nota-se que o roubo não é descrito somente de uma maneira: os personagens usam desde a astúcia até a violência para realizá-los.

Se por um lado há essa diversidade de situações, por outro é preciso destacar que as situações em que os roubos de pequenos objetos são apresentados são, também, para causar o riso. O bandido de Apuleio ridiculariza o colega ao dizer que ele não consegue mais que roubar pequenas ninharias e, ao mesmo tempo, marca o estilo satírico do autor.

Assim, se os autores modernos que mencionamos procuraram destacar que Apuleio nos apresenta de forma objetiva os bandidos romanos, uma leitura que explora a comicidade do romance e o compara em seu contexto literário nos indica outra perspectiva: a visão que um membro da elite tinha das camadas populares romanas e de seus infortúnios. Na grande maioria das passagens, o cotidiano dessas pessoas de origem humilde é exagerado e irônico, explorando os aspectos decadentes no seu limite para causar o riso ou expressar a moral vigente, definindo as visões de letrados sobre as camadas populares.

Assim, mais que expressar uma realidade objetiva, acreditamos que o romance, repleto de exageros, indica os juízos de valores de seu autor e constitui uma criação específica daquele momento histórico. Desta forma, sugerimos que *Metamorfoses* deve ser lida como um discurso e, conseqüentemente, não pode ser considerada relato neutro, tampouco simples ilustração ou reflexo da sociedade.

Ao estudar tais obras é preciso ter em mente que a literatura é uma linguagem e que, para compreendê-la, torna-se necessário que recorramos às alegorias, seus significantes e significados.¹⁹ Por meio dessa perspectiva é possível elaborar um questionamento do texto, uma análise das estruturas e do vocabulário, estabelecendo um diálogo com o romance para explicitar os sentidos que produz.²⁰ Nesse sentido, estaríamos diante de representações do autor sobre as camadas populares e suas relações

com o banditismo, mas é preciso lembrar que nem sempre esses assuntos causam o riso. Se observarmos os registros dos populares sobre essa temática, encontraremos um contexto bastante diferente. Para isso, recorreremos às placas votivas encontradas em Bath, atual Inglaterra.

Aquae Sulis e a importância dos estudos epigráficos

Os três documentos que analisaremos a seguir são bastante distintos das fontes literárias: confeccionadas em meados do século III d.C., as inscrições votivas representam os sentimentos de romanos das camadas populares que viviam em um local afastado de Roma. Encontradas no sudoeste da atual Inglaterra em uma região conhecida por suas fontes termais, essas placas votivas estavam dedicadas à deusa Sulis Minerva, uma divindade local. Muitas delas são maldições contra pessoas que cometeram crimes e que pedem a intervenção da deusa para recuperação do objeto que, posteriormente, poderia ser doado a ela. De acordo com Funari,²¹ a grande maioria das placas está relacionada a furtos, isto é, pessoas reivindicando objetos roubados ou o próprio ladrão para que seja devidamente punido.

O estudo de inscrições na *Britannia*, como os feitos sobre as placas votivas, têm se destacado muito nas últimas décadas, embora Funari²² comente as encruzilhadas com que esse campo de estudo tem se deparado. Segundo o autor, o estudo da cerâmica tem se destacado muito no contexto da Bretanha, no entanto, chama atenção para um certo descompasso entre as análises. Em sua opinião, enquanto alguns pesquisadores estariam muito empenhados na publicação de estudos teóricos no campo da Arqueologia, em especial no que diz respeito ao repensar dos conceitos empregados para o estudo da cultura material romana na Bretanha, outros que trabalham no campo da Epigrafia estariam mais preocupados com a tradução dos textos encontrados.

Esses diferentes tipos de posturas ressaltados por Funari no início dos anos 1990 ainda são perceptíveis em muitos estudos recentes. Os estudos das inscrições anfóricas, assim como das placas votivas de Bath ou das tabuinhas encontradas em Vindolanda são de grande importância para o entendimento dos romanos e do processo de ocupação local, bem como de seus conflitos e resistências. Se colocados em um campo interpretativo, esses estudos poderiam abrir novos caminhos para uma compreensão

mais aprofundada das relações que se estabeleceram após o contato entre nativos e romanos.

Assim, uma análise crítica da documentação em que a tradução seja uma etapa e não seu fim permite não só a construção de abordagens menos homogêneas das sociedades que habitaram a antiga Bretanha como também abre espaço para repensar categorias generalizantes como a oposição romano/celta, muito difundida nos estudos sobre a ilha. É essa questão que exploraremos mais detidamente nas próximas linhas.

Três placas votivas: algumas considerações

Observemos, então, os documentos em questão²³:

Documento 1:

Deaesuliminiruesoli/nusdononuminituoma/iestatipaxsabaearemet/leumn <> ermitta <> mnum/necsan...tem, eiquimihifru/ dem.ecitsiuirisifemi <.>. siseruus/s<.> l..ernissi..eretegensistas/s.eciesad..mplumtuumdetulerit/..beriesuiue lson sua.equi/deg/eiquoque xe/mnumne/mn..alul.um/etrelinqu<.>.snissiad.<.>mplumtu/ umistasresretulerint.

De Solino para a deusa Súlís Minerva. Dou para tua divindade e majestade minha túnica de banho e meu casaco. Não deixa dormir, ou ter saúde, aquele que me fez mal, seja homem ou mulher, escravo ou livre, a menos que se apresente e traga estas coisas para o teu templo ... seus filhos ou seus ... e ... aquele ... para ele também ... sono ou <saúde> ... casaco e o restante, a menos que tragam estas coisas para teu templo.

Documento 2:

Minerue/ desulidonau/ furemqui/carcallam/ meaminuo/ lauitsiserus/ siliberiba/ rosimulier/hocdonumnon/ redematnessi/ sagun.suo.

Para Minerva, a deusa Sulis, dou o ladrão que roubou meu casaco, seja escravo ou livre, homem ou mulher. Não reaverá esta doação a não ser com seu próprio sangue.

Documento 3:

Uricalusdo.ilosaux..sua/docilisfiliussuusetdocilina/decentinusfratersuusalogiosa/nominaeorum quiiurauerunt/quiiuraueruntadfontemdeaesuli/prideidusaprilesquicumqueillicper/iuraueritdeae sulifaciaillum/sanguinesuoilludsatisfacere.

Uricalo, Docilosa sua mulher, Dócilis seu filho e Docilina, Decêntio seu irmão, Alogiosa: os nomes destes que juraram <que juraram>, na frente da deusa Súlís, no dia 12 de abril. Aquele que cometer um perjúrio, faça que pague com o próprio sangue à deusa Súlís.

Funari,²⁴ na análise que segue às traduções apresentadas, chama a atenção para alguns elementos encontrados nestes documentos que gostaríamos de destacar. Em primeiro lugar, lembra-nos de que tais placas de liga metálica não eram feitas em série, mas individualmente e, entre as encontradas em Bath, não há duas escritas pela mesma pessoa. Isso indica que o trabalho não era profissional e muitos conheciam o latim na região se sabiam como escrevê-lo. Em segundo lugar, enfatiza que a fórmula empregada possui um linguajar jurídico, por exemplo, quando Solino destaca que “seja homem ou mulher, escravo ou livre”, impedindo a burla do culpado. Além disso, destaca que os objetos roubados são peças simples como o caso do documento 1, que menciona túnica de banho e casaco ou o documento 2 que fala de uma *carcalla*, tipo de túnica gaulesa.

A partir dessas observações é possível pensar que tais placas remetem a um ambiente popular, tanto pelos termos empregados, que segundo o mesmo autor não fazem parte do latim erudito, como pelos objetos roubados. Nesse sentido, as placas indicam uma relação de ambiente provincial onde se expressam valores romanos e celtas: há a presença de nomes celtas (Uricalus), a referência ao nome local da deusa (Sulis), mas escritos em latim com caráter legal romano.

O fato de retomarmos essas placas nesta reflexão, mesmo que tenham sido elaboradas cerca de um século depois que Apuleio escreveu as *Metamorfoses*, justifica-se por se referirem ao roubo em ambiente popular. No documento 2 encontramos o termo *firem* (*fur*, *furis*) que, como mencionamos anteriormente, é empregado para designar o ladrão que rouba com astúcia, isto é, que furta sem necessariamente usar armas. A relação expressa nessas placas indica uma prática específica que não aparece nos escritos de Apuleio, isto é, a possibilidade de amaldiçoar aquele que roubou seu pertence, mesmo que seja um objeto barato. A presença de placas endereçadas à deusa, reivindicando o objeto ou ofertando os ladrões indica ações populares contra o roubo e, também, leva-nos a pensar que tais objetos tinham significativo valor para seus donos.

Neste sentido, se no texto de Apuleio os roubos de pequenos objetos em banhos públicos aparece como um contraponto literário para causar o riso entre os leitores e estabelecer diferenças entre bandidos armados e perigosos e os ladrões de velharias, nas placas dedicadas à deusa Súlís percebemos um outro universo: populares reivindicando seus objetos e lutando para tê-los de volta. Neste sentido, mais que confirmar os escritos de Apuleio, as placas votivas abrem caminho para que pensemos a relação entre os populares e o roubo, a importância que os objetos roubados desempenhavam em seu cotidiano, seu conhecimento dos discursos jurídicos e suas práticas religiosas. Enfim, ao

contrapor o texto ao registro material é possível perceber que o roubo no mundo romano tinha diversas facetas e os ladrões interagiam em ambientes urbanos e rurais.

Considerações Finais

No início do texto comentamos o trabalho de Cubillos Poblete e destacamos a importância da História Social e da Escola dos Annales para a democratização do estudo do passado clássico. Mencionamos ainda que, segundo Funari, o diálogo com a Arqueologia como disciplina autônoma também contribuiu muito para o estudo da cultura popular a partir de um prisma que, não necessariamente, passa pelo crivo da elite sobre os romanos de origem pobre.

De fato, como pudemos observar, a História Social teve um papel fundamental no desenvolvimento de pesquisas no campo da transgressão social. Mesmo que muitos afirmassem que era difícil o estudo do universo dos ladrões, classicistas de diferentes nacionalidades, inspirados pelos ventos marxistas dos anos de 1960 e dos escritos de Hobsbawm, aventuraram-se pelos árduos caminhos do submundo romano. Tomando as palavras de Apuleio como a principal fonte de informações sobre o assunto, construíram modelos em que descreveram aquilo que consideravam o *verdadeiro* ladrão romano: homens armados e violentos, que vivia em ambiente rurais e, muitas vezes, em bandos isolados do convívio social. Fato que alguns estudiosos interpretaram como rebeldes, outros como bárbaros.

Shaw, no entanto, aponta para uma perspectiva diferente. Embora construa seu modelo também inspirado nas palavras de Apuleio, esse estudioso ressaltou o convívio social entre eles. Esta ressalva foi que inspirou parte das reflexões aqui apresentadas. Arelada a isso, pensando nas discussões do campo da História Cultural em que o texto literário deve ser interpretado em seu contexto, procuramos construir uma leitura alternativa das *Metamorfoses* de Apuleio, explorando seu estilo de escrita e sua astúcia em contrapor diferentes tipos de relação com o roubo para causar o riso no leitor.²⁵ Os exageros empregados e as descrições moralistas dão o tom de sua narrativa e precisam ser consideradas nas análises sobre as ações dos ladrões.

Nesse sentido, mais que criar categorias de ladrões, procuramos marcar as diferenças desses personagens em sua narrativa e ao contrapor com as placas votivas, que constituem documentos de caráter mais popular. Tratando cada categoria documental em seu contexto e dentro de suas especificidades, ao contrapô-las é possível

observar as diferentes percepções ali expressas: se para um membro da elite de meados do século II d.C. roubos de pequenos objetos era motivo de escárnio, para populares que viveram na *Britannia* alguns anos depois era motivo de maldição, de intervenção divina.

Essas diferenças constituem, ao nosso ver, um caminho propício a ser explorado. Ressaltar os conflitos sociais e as diferenças de percepções do roubo e dos ladrões é, portanto, uma possibilidade de se pensar a sociedade romana de maneira plural, isto é, constituída a partir de diferentes formas de viver e de visões de mundo.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a Pedro Paulo Abreu Funari pelo diálogo em todos estes anos e a Margarida Maria de Carvalho pelo convite para participar deste dossiê sobre Antigüidade Clássica. Devo agradecer ainda a Marcela Cubillos Poblete (Universidad la Serena) e a Enrique Gozalves Cravioto (Universidad de Castilla-la Mancha) pela troca de idéias em diferentes momentos e também a Lourdes Feitosa (Faculdades Integradas de Jaú). Institucionalmente devo mencionar o apoio do Departamento de História da UFPR (Universidade Federal do Paraná), do NEE (Núcleo de Estudos Estratégicos) e do CPA (Centro de Pensamento Antigo), ambos da Unicamp. Ressalto que a responsabilidade pelas idéias recai somente sobre a autora.

GARRAFFONI, Renata Senna. The Bandits among Romans: The elite's texts and popular perceptions. *História*, São Paulo, v. 26, n. 1, p 133-151, 2007.

Abstract: This paper discusses two interrelated topics. The first one explores how the Roman elite represented ancient robbers in satirical literature. In this part I shall comment Apuleius' *Metamorphoses*. The second one focuses on Epigraphy (metallic tablets dedicated to the goddess Sulis Minerva that were found in Bath, England) in order to discuss some images of the thievery at Roman popular culture. Archaeological Epigraphic evidence can provide us different approaches to study the banditry perceptions; it can also help us to propose more pluralist approaches to the Roman culture and past.

Keywords: Banditry, Popular Culture, Roman Literature

Artigo recebido em 04/2007. Aprovado em 06/2007.

NOTAS

* Professora de História Antiga do Departamento de História e pesquisadora associada ao NEE/Unicamp e CPA/Unicamp – UFPR – 80060-150 – Curitiba/PR. E-mail: resenna93@hotmail.com

¹ CUBILLOS POBLETE, M.A.E. (2004) “La mirada juvenaliana: la cocina romana como reflejo de la Sociedad”, in: *Semanas de Estudios Romanos*, pp. 125-142.

² FUNARI, P. P. A. **La cultura popular en la Antigüedad Clásica**, Madrid: Editorial Gráficas Sol, 1989. FUNARI, P. P. A. Arqueologia, História e Arqueologia Histórica no contexto sul-americano. In: **Cultura Material e Arqueologia Histórica**. Campinas: IFCH/Unicamp, 1998. p.7-34. FUNARI, P. P. A. The consumption of olive oil in Roman Britain and the role of the army. In: **The Roman Army and the Economy** (ERDKAMP, P., org.), J. C. Gieben, Amsterdã, 2000a. p.235-263.

³ HORSFALL, N. **La Cultura della plebs romana**. Barcelona: PPU, 1996.

⁴ GONZALBES CRAVIOTO, E. El bandolerismo en Andalucía. In: **Actas de las VIII Jornadas**, Lucerna, 2005. p.119-173.

⁵ Sobre esta questão, cf., ainda, no século XIX: MOMMSEN, T. **El mundo de los Cesares**. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1885/1983 e FRIEDLÄNDER, L. Los espectáculos. In: **La sociedad romana – Historia de las costumbres en Roma, desde Augusto hasta los Antoninos**. Madrid: Fondo de la Cultura Económica, 1885/1947. p.497-519 e 546-606. Já no século XX em diferentes momentos este tipo de abordagem aparece em: CARCOPINO, J. **Roma no apogeu do Império**. São Paulo: Cia. das Letras, 1990. (1990 – 1ª. Edição nos anos de 1940); ROBERT, J-N. **Os prazeres de Roma**. São Paulo: Martins Fontes, 1995; GRIMAL, P. **A vida em Roma na Antigüidade**. Portugal: Publicações Europa-América, 1981; VEYNE, P. O Império Romano. In: DUBY, G. et ARIÈS, P. *História da vida privada*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990., v.1, p.19-223.

⁶ Este trabalho foi publicado pela Editora Annablume: GARRAFFONI, R.S. **Bandidos e Salteadores na Roma Antiga**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002.

⁷ HOOFF, A. J. L. van., Ancient robbers: reflections behind the facts. In: **Ancient Society**, 1998. p.105-124.

⁸ Idem, p.105-106.

⁹ HOBBSAWM, E. J. **Bandidos**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1976. Embora tenhamos discutido mais explicitamente o trabalho de Hooff, é importante destacar que outros estudos também foram escritos a partir de um diálogo com as pesquisas de Hobsbawm e, principalmente, a aceitação de muitos de seus conceitos, como a idéia de bandido social e rebelde primitivo. Cf., por exemplo, HOPWOOD, K., “Bandits, elites and rural order” in: WALLACE-HADRILL (Org.) *Patronage in ancient Society*, Routledge, Londres, 1989: pp. 171-187.

¹⁰ HOBBSAWM, E. J. Op. cit., p.13.

¹¹ BLÁNQUEZ PÉREZ, C. **El mundo romano a traves de la obra de Apuleyo – delito, delincuentes y castigo en las Metamorfosis**. Madrid, 1986. Tese de doutorado apresentada na Facultad de Geografía y Historia da Universidad Complutense de Madrid,...

BLÁNQUEZ PÉREZ, C. Desigualdades sociales y praxis jurídica en Apuleyo. In: *Gerión*, 5: 119-131, 1987.

¹² JOYCE, P. The end of Social History? In: **The Postmodern History Reader**. Londres/NY: Routledge, 1988. p.341-365.

¹³ HIDALGO de la VEGA, M. J. **Sociedad e ideologia en el Imperio Romano: Apuleyo de Madaura**. Espanha: Gráficas Ortega, 1986.

¹⁴ SHAW, B. D. El bandido. In: **El hombre romano** (Andrea Giardina, org.). Madrid: Alianza Editorial, 1991.

¹⁵ Por exemplo: antesignaus, -i, commilito, -onis, hostis, -tis, entre outros.

¹⁶ SHAW, B. D. Op. cit., p.353; HOOFF, A. J. L. van. Op. cit., p.114. afirmam que *latro* era um termo utilizado para designar um inimigo político. Cícero, por exemplo, se referia a seus inimigos Catilina e Verres como *latrones*.

¹⁷ A punição para o roubo em banhos públicos está registrada no *Digesto* de Justiniano: o ladrão deveria cumprir pena de trabalho forçado e, se por acaso estivesse armado, seria enviado às minas. Caso o acusado fosse um militar, deveria ser punido com a desonra. Cf: Sobre los ladrones de los baños publicos. In: JUSTINIANO. **El Digesto**. Pamplona: Editorial Aranzadi, 1975. t.III.

¹⁸ A edição utilizada é a publicada pela Loeb em 1989 e a tradução é de nossa autoria (APULEIO. **Metamorphoses**, tradução de J. Arthur Hanson. Londres: Harvard University Press, 1989. v.I e II.

¹⁹ BARTHES, R. **Racine**. L&PM: Porto Alegre, 1987.

²⁰ LACAPRA, D. Rethinking Intellectual History and Reading Texts. In: **Rethinking Intellectual History – Texts, Contexts, Language**. Nova York: Cornell University Press, 1985. p.23-71.

²¹ FUNARI, P. P. A. **Antiguidade Clássica – a história e cultura a partir dos documentos**. Campinas: Editora da Unicamp 2002b.

²² FUNARI, P. P. A. Bretanha Romana: Estudos recentes sobre a Arqueologia da Bretanha Romana. In: **Revista de História da Arte e Arqueologia** (Unicamp), n° 01, p.249-252, 1994.

²³ O texto latino, bem como a tradução, foram retirados de: FUNARI, P. P. A. Op. cit., 2002b, p.51-53.

²⁴ Idem, p.53.

²⁵ Lembramos que tais questões foram desenvolvidas com mais detalhes em: GARRAFFONI, R.S. Op. cit.